

Iniciação na adolescência: entre mito e estrutura.¹

Domenico Cosenza

A ADOLESCÊNCIA É UM MOMENTO DE CRISE?

Em nossos tempos a ideia da adolescência como um momento de crise, que tem um papel estrutural na experiência do sujeito, é posta em questão. O que se questiona é precisamente o significado da adolescência como um corte, como uma descontinuidade da experiência da infância, assim como o seu valor de medida que emancipa - separa o jovem das formas tomadas pelo vínculo com os pais. Em particular, é a própria adolescência contemporânea que questiona (de acordo com diversos autores nas áreas de sociologia e psicologia) toda noção de adolescência como crise. Os modos de vida dos adolescentes de hoje mostram uma espécie de “analfabetismo introspectivo” (Francesconi, 2004, p. 168), um “hedonismo moderado”, um conformismo e pacifismo que se choca com a imagem codificada da rebelião e tradicionais protestos juvenis associados à adolescência. Nesta perspectiva, a leitura psicanalítica da passagem para a adolescência tende a ser ligada a uma variação contemporânea da representação romântica do processo de formação do jovem, que está ligada a um mito: a adolescência como *Tempestade e Tormenta*² (Offer & Shonert-Reichl, 1992, pp. 1003-1013), na qual a definição de Freud como uma re-estruturação da economia das pulsões não seria, todavia, uma boa tradução disso em termos clínicos.

Além da opinião que possamos ter sobre essa particular abordagem sobre a adolescência, o que é importante é a questão levantada para os psicanalistas sobre o status da adolescência e os efeitos transformadores que mudanças históricas e sociais podem produzir sobre isso. O que deve ser feito da adolescência na era onde o Outro não existe? Como os adolescentes regulam o seu encontro com o real do sexo e da morte, agora que a operação de interdição e véu, sustentadas pela função paterna, mostra, em nossa sociedade, o sinal de um declínio progressivo? Como eles podem manejar esse encontro com o real, sem ser possível contar com o apoio da estruturação do Nome-do-Pai, sobre a função da orientação do Ideal do Eu e sua função de regulação humanizante? Como eles podem se engajar em uma separação, quando é precisamente o Outro social que lhes impõe um gozo sem limites, quer dizer, um não à separação. Esta é uma questão de relevância ética e clínica que o nó da adolescência contemporânea constitui para nós.

SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: DA TRANSIÇÃO PUBERAL AO TEMPO DA INICIAÇÃO SEXUAL

A questão que postulamos encontra o seu ponto-chave na relação dos adolescentes contemporâneos com a sexualidade. Freud ressalta que o real do sexo, no meio da transição da puberdade, é a questão fundamental que o sujeito adolescente tenta responder. Neste sentido, a adolescência revela-se à psicanálise, de acordo com a fórmula eficaz de Stevens, como um “sintoma da puberdade” (Stevens, 1998). É uma questão, para o sujeito adolescente, como se posicionar como sujeito desejante, no que diz respeito ao despertar da pulsão que afeta o corpo na puberdade. Assim, seguindo o tempo de transição da puberdade, o tempo lógico da iniciação sexual responde ativamente a essa necessidade, apresentando o adolescente ao encontro com o gozo (jouissance) na relação com o outro sexo e, assim, abrindo-se para a experiência e a questão da relação sexual.

1 Este texto foi publicado originalmente em italiano no site da *Scuola Lacaniana di Psicoanalisi del Campo Freudiano* (SLP). Disponível em: <http://www.slp-cf.it/documents/345608/387016/Iniziazione-in-adolescenza-tra-mito-e-struttura.pdf>. A presente tradução deu-se a partir de versão inglesa para a *Association for Psychoanalysis & Psychotherapy in Ireland* (*Lacunae*, Volume 04, Issue 1, 2014)

2 No original: “*Sturm und Drang*”. Traduzido na versão inglesa como: “*Storm and stress*”.

Lacan, em seu “Prefácio a O Despertar da Primavera” de Wedekind, especifica que existem dois momentos essenciais deste processo que tiram a experiência do adolescente de uma linearidade psico-biológica progressiva (o que faria da iniciação sexual um momento anterior e necessário para a transição da puberdade em adolescência).

Antes de tudo, Lacan apresenta a centralidade do inconsciente do sujeito como uma dimensão que, por meio do sonho, encena a relação sexual do adolescente com seu/sua parceiro. De fato, os meninos não se sentem incitados a descobrir o que é para eles fazer amor com as meninas, escreve Lacan, “se não fosse para despertá-**los** de seus sonhos” (Lacan, 1974/1995/2001). O enigma do inconsciente do sujeito entra em jogo no processo de iniciação sexual do adolescente. Isso, em última análise, representa o primeiro tempo lógico do processo de iniciação sexual na adolescência: a emergência da **relação sexual no nível do inconsciente, o que permite** existir, para o sujeito, uma representação imaginária e singular, como um enigma, dentro de uma fantasmática, ou de um enquadre fantasmaticável. A primeira vez é seguida, para o adolescente, de um momento em que a relação sexual está presente e também é representável com uma cena que inclui isso.

Em segundo lugar, Lacan esclarece a natureza do nó real, que tal iniciação revela ao adolescente, definindo-a como um verdadeiro princípio da iniciação: “que o véu levantado [sobre o mistério da sexualidade] não revela nada”; esta é uma outra maneira de dizer que “a sexualidade perfura o real” (Lacan, 1974/1995/2001). Aqui podemos localizar o segundo tempo lógico do processo de iniciação sexual na adolescência: aquela em que o jovem encontra, nas primeiras vicissitudes da vida sexual com seus/suas parceiros, a não-existência estrutural do relacionamento sexual como uma experiência traumática. Esta segunda vez, ou seja, quando o adolescente, no seu/sua experiência sexual, descobre que o gozo (jouissance) é irreduzível e não-articulado, é o tempo do “não há relação sexual” e isso tem uma relação estrutural com o primeiro tempo, no qual, pelo contrário, a relação sexual existe e é representável pelo sujeito, funcionando como um véu inconsciente em torno do furo da **não-relação. É precisamente nesta** tensão dialética entre a pressão para fazer existir a relação sexual (T1) e o encontro traumático com a sua inexistência (T2), entre o tempo do véu e o tempo do trauma, que a iniciação sexual de o adolescente se estrutura.

HÁ UMA INICIAÇÃO SEXUAL PARA OS ADOLESCENTES CONTEMPORÂNEOS?

A relação dos adolescentes contemporâneos com o sexo, marcada pela perda do véu em torno do enigma da sexualidade, não pode não ser afetada por esta operação. Lacan destaca isso, enfatizando o caráter público desse levantamento do véu, que é próprio dos nossos tempos, em torno da questão da puberdade (Lacan, 1974/1995/2001). O efeito de tal operação, que surge em consonância com o declínio da função paterna, pode ser encontrado na “desilusão do sexo”, na “trivialização da relação sexual”, na “indiferença” e “apatia” para o amor na maioria dos adolescentes contemporâneos, como destacado pelo sociólogo Lipovetsky (2006) e recentemente recordada por Cottet (2006). Essa dificuldade do sexo em fazer um enigma sobre si mesmo para os adolescentes contemporâneos indica um impasse no processo de sintomatização de sua própria puberdade, o que é fundamental para a psicanálise no que diz respeito à experiência adolescente.

Em primeiro lugar, podemos notar uma dificuldade para o adolescente contemporâneo situar-se no T1 da iniciação sexual, isto é, no encontro do sujeito com o sexo como um enigma inconsciente que é representável em uma “outra cena”.

O primeiro nível de dificuldade para o adolescente consiste precisamente em fazer a relação sexual existir, isto é, em fazer o Outro do Outro existir, em um mundo que se caracteriza por uma negação substancial - se não uma rejeição aberta - do inconsciente; este último sendo uma condição que não permite o sexo assumir a

função enigmática. Em segundo lugar, essa estrutura faltosa do sexo como uma representação inconsciente, põe em risco a modalidade na qual o adolescente encontra T2, o tempo de iniciação como o trauma da não-existência do Outro do Outro. Conforme destacado por Miller, sem véu, sem o ideal, não há trauma passível de subjetivação. Nos tempos atuais, onde a não-existência da relação sexual é patente, onde a ausência do Outro - que funcionaria como garantia - torna-se um ponto de vista socialmente generalizado, uma verdade compartilhada do niilismo de hoje, como o adolescente pode trilhar o caminho para sua própria constituição subjetiva?

Os chamados distúrbios de comportamento na adolescência, os atos compulsivos caracterizados por frequentes passagens ao ato, típicos da adolescência e, sobretudo, da adolescência contemporânea, parecem ser - como sugerido por Lacadée - alternativas para a formação do sintoma em sua conceituação freudiana, um impasse na obra de nomear o real inominável (Lacadée, 2007, p.30). No entanto eles podem vir a assumir um valor paradoxal para o adolescente, como tentativas desesperadas de fazer existir a relação sexual, constituindo o Outro do Outro e encontrando uma porta de entrada para a sexualidade.

Na verdade, é o trabalho do analista que possibilita algum tipo de tradução em palavras da função inerente às suas ações indisciplinadas, uma condição preliminar para a subjetivação e para transformar seu sintoma em algo que não é generalizável, mas representável através da fantasia.

A dificuldade que os adolescentes contemporâneos têm com o sexo parece ser o inverso do percebido em outros tempos. Não é mais uma questão de levantar o véu em torno do mistério do sexo depois de tê-lo construído inconscientemente. É, pelo contrário, em primeiro lugar e acima de tudo uma questão de introduzir esse véu, possibilitando a construção da fantasia que pode dar limite e conter o desconcerto dos jovens ao estarem expostos, sem filtros, ao objeto inominável que está em jogo na relação entre os sexos. É somente através deste trabalho de nomeação que eles serão capazes de se aproximar da inexistência da relação sexual como um trauma subjetivável, evitando assim cair de volta na deriva ilimitada própria da adolescência contemporânea.

Referências

Cottet, S. (2006). *Le sexe faible des ados : Sexe-machine et mythologie du cœur*. La Cause Freudienne, 64, 67-75.

Francesconi, M. (2004). *Non più non ancora. Una riflessione psicoanalitica sul perturbante del crescere in adolescenza*. In L. Barone (a cura di), *Emozioni e disagio in adolescenza* (p.168). Milano: Unicopli.

Lacan, J.(1974/1995/2001). *Preface to spring awakening* (1974), In *Analysis*, 6 (R. Grigg, Trans.). Centre for Psychoanalytic Research, Melbourne (1995). In *Autres Écrits* (2001). Paris: Seuil.

Lacadée, P. (2007). *L'éveil et l'exil. Enseignements psychanalytiques de la plus délicate des transitions: L'adolescence* (p. 30). Nantes: Éditions Cécile Defaut.

Lipovetsky, G.(2006). *Le bonheur paradoxal. Essai sur la société d'hyperconsommation*. Paris : Folio.

Offer, D. & Shonert-Reichl K. A. (1992), *Debunking the myths of adolescence: Findings from recent research*. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 31, 1003-1013. Stevens, A. (1998). *L'adolescence, symptôme de la puberté*. *Feuillets du courttil*, 15. Publication du Champ Freudien en Belgique.

Tradução: Julia Jones

Revisão: Marcelo Magnelli e Luiz Felipe Monteiro